

## ENTRE O MEDO, A GUERRA E A ESPERANÇA: A COBERTURA DA PANDEMIA DO NOVO CORONAVÍRUS PELA REVISTA VEJA

Janaina Dias Barcelos<sup>1</sup>

### Resumo:

Este trabalho desenvolve uma análise do discurso verbo-visual de 15 capas da revista *Veja*, durante o primeiro semestre de 2020, referentes à cobertura do novo coronavírus. O objetivo é verificar de que modo a publicação apresenta a pandemia, a partir de quais estratégias discursivas, colaborando para a construção de qual visão sobre o tema. Percebemos que *Veja* mescla um tom alarmista de perigo com um positivo de busca de soluções, defendendo o isolamento social, o uso da razão, do bom senso e a ciência.

**Palavras-chave:** Coronavírus; revista *Veja*; discurso verbo-visual; capas.

### Abstract:

This article presents an analysis of the verbal-visual discourse of 15 covers of *Veja* magazine, during the first half of 2020, referring to the coverage of the new coronavirus. The objective is to verify how the publication presents the pandemic, from which discursive strategies, contributing to the construction of a point of view on the subject. We noticed that *Veja* mixes an alarmist tone of danger with a positive tone that search for solutions, defending social isolation, the use of reason, common sense and science.

**Keywords:** Coronavirus; *Veja* magazine; verb-visual discourse; covers.

Em dezembro de 2019, o mundo tomou conhecimento de um novo vírus, surgido na China, o qual se disseminou no mundo, caracterizando uma pandemia. Ele faz parte dos coronavírus, ampla família de vírus, dos quais sete infectam humanos<sup>2</sup>. O novo coronavírus provoca quadros respiratórios graves, tendo levado milhares de pessoas a óbito. O Brasil teve o primeiro caso confirmado no final de fevereiro, em São Paulo.

A dificuldade na circulação de informações confiáveis em meio à desinformação e às *fake news* gerou uma necessidade ainda mais premente de que os meios jornalísticos se desdobrassem para implementar uma cobertura de qualidade. A perspectiva da saúde pública entra em cena, diante de um vírus que atinge todos, sem distinção, e que demanda medidas coletivas de enfrentamento. O jornalismo assume papel fundamental, de modo a garantir a difusão, clara e acessível, de informações sobre a doença, prevenção, acesso ao

---

<sup>1</sup> É docente do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), doutora em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), com período sanduíche na Université Paris-Est Créteil, França, mestre em Comunicação e Jornalismo pela Universidade de Coimbra, Portugal, jornalista graduada pela UFMG, com atuação nos campos de análise do discurso da mídia, narrativas e processos jornalísticos e metodologia de pesquisa.

<sup>2</sup> Fonte: *El país*. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/ciencia/2020-04-20/os-outros-coronavirus-que-habitan-entre-os-humanos.html>>. Acesso em: 7 jun. 2020.

atendimento médico, alterações no cotidiano da população, entre várias questões que envolvem a pandemia em seus aspectos locais e globais.

Monitoramento nas redes sociais, feito pela Diretoria de Análise de Políticas Públicas da Fundação Getúlio Vargas (FGV Dapp) entre 17 e 24 de março<sup>3</sup>, mostrou que a maioria dos vídeos mais assistidos no Youtube sobre coronavírus são de veículos jornalísticos. Esse dado é interessante, já que Youtube e WhatsApp são as fontes de maior propagação de notícias falsas sobre o tema, como aponta essa pesquisa. No período analisado, observou-se queda no engajamento em postagens de desinformação em ambas as plataformas.

Considerada serviço essencial, a prática jornalística precisa, além do devido cuidado com o que divulga, de ter atenção para o como divulga, num cenário de inseguranças e incertezas. A Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj) e a Associação Brasileira de Imprensa (ABI) se posicionaram, apontando que o jornalismo emerge, agora mais ainda, como artigo de primeira necessidade<sup>4</sup>. Mas, como esse jornalismo está sendo praticado? De que modo as informações são comunicadas ao grande público?

Interessa-nos verificar como foi a cobertura desse tema pela imprensa. Como objeto de estudo, elegemos a revista *Veja*, publicação com circulação de mais de 500 mil exemplares no Brasil, considerada a mais lida pelos brasileiros. Seu público é composto por 51% de mulheres e 49% de homens, a maior parte pertencente às classes B (40,9%) e C (36,6%)<sup>5</sup>.

Nosso foco se direciona ao estudo das capas sobre coronavírus, desde a primeira que retratou o fato, em 31 de janeiro de 2020, até a última publicada em julho, totalizando um semestre de cobertura, com 15 capas (Fig. 1). Com este trabalho, damos sequência ao esforço que desenvolvemos, em nossa área de atuação, de análise do discurso verbo-visual de capas de revistas brasileiras semanais de informação, entendendo o alcance que esse meio de comunicação ainda possui, mesmo num ambiente digital como o

<sup>3</sup> Disponível em: <https://www.poder360.com.br/coronavirus/conteudo-jornalistico-sobre-covid-19-supera-desinformacao-aponta-fgv-dapp/>. Acesso em: 12 mai. 2020.

<sup>4</sup> A Fenaj destacou o papel do jornalista na cobertura da pandemia, em defesa da categoria, na celebração do Dia do Jornalista, em 7 de abril, e contra os ataques do presidente Jair Bolsonaro à imprensa. (ver em: <https://fenaj.org.br/ao-jogar-apoiadores-contrajornalistas-bolsonaro-prejudica-combate-ao-coronavirus/> e <https://fenaj.org.br/qual-o-valor-do-jornalista/>). A Associação Brasileira de Imprensa (ABI) também participou dos atos, destacando esse papel (ver: <http://www.abi.org.br/abi-organiza-ato-virtual-em-defesa-do-jornalismo-dia-7/>).

<sup>5</sup> Fonte: Instituto Verificador de Comunicação (IVC), outubro/2019, disponível em: <http://publiabril.abril.com.br/marcas/veja/plataformas/revista-imprensa>. Acesso em 12 mai. 2020.

de hoje. Inclusive porque tais capas são disponibilizadas na página da publicação na internet<sup>6</sup>, e a edição, com conteúdo completo, a assinantes da versão digital.

Como aporte metodológico, partimos da proposta de Gervereau (2004), que contempla três fases de análise, juntamente com a perspectiva de Barthes (1990) de análise semiológica das mensagens conotadas e denotadas de um discurso verbo-visual.

Com nossa investigação, poderemos perceber de que forma, por meio das capas, a revista *Veja* apresenta a doença e o cenário da pandemia, realçando quais aspectos, direcionando para qual modo de se olhar para essa realidade. Tais escolhas implicam responsabilidade, uma vez que o discurso das capas produz sentidos que irão colaborar para os leitores criarem sua visão sobre o que é retratado e, a partir do acesso a essas informações, fazer seus julgamentos e tomar atitudes nesse cenário.

Figura 1. Capas de *Veja* sobre coronavírus no primeiro semestre de 2020



Fonte: acervo *Veja* e [vercapas.com.br](http://vercapas.com.br).

<sup>6</sup> As capas podem ser vistas em: <https://veja.abril.com.br/edicoes-veja/>. Acesso em: 9 jun. 2020.

## As escolhas do como dizer

Pandemia. Enfermidade epidêmica amplamente disseminada. O nome pode, a princípio, gerar pânico, assustar. No entanto, trata-se de termo empregado para descrever ou caracterizar uma situação, a fim de deixar claras quais medidas devem ser tomadas pelos órgãos de saúde de todos os países. Dizer que existe uma pandemia significa que há uma circunstância em que uma enfermidade infecciosa ameaça muitas pessoas ao redor do mundo simultaneamente. Assim, o principal fator é geográfico, sem relação direta com a gravidade da doença ou com o que ela causa, conforme o diretor executivo do Programa de Emergências da Organização Mundial de Saúde (OMS), Michael Ryan<sup>7</sup>. Contudo, expressa, também, que os esforços para conter a expansão mundial do vírus falharam e que a epidemia está fora de controle.

Em 11 de março, a OMS declarou que estava em curso uma pandemia do novo coronavírus. O diretor-geral da Organização, Tedros Adhanom Ghebreyesus, alertou que a palavra pandemia deveria ser usada de modo correto e consciente, pois, quando empregada sem o devido cuidado, pode causar tanto um medo irracional como uma noção injustificada de que a luta terminou, provocando sofrimento nas populações<sup>8</sup>. Essa preocupação com a geração de pânico faz todo sentido, uma vez que o coronavírus é menos letal do que outras infecções enfrentadas pela humanidade nas últimas décadas, porém tem alto potencial de transmissão.

Essas questões nos levam a refletir sobre quais escolhas lexicais seriam feitas por *Veja* para falar desse cenário, assim como as imagens selecionadas para acompanhá-las. Afinal, a linguagem não é neutra, carrega intencionalidades e produz sentidos ao ser disseminada na sociedade por meio dos discursos.

Quando se trata de um discurso de um meio de comunicação de grande relevância, que atinge muitas pessoas ao mesmo tempo e que carrega consigo a responsabilidade social que deveria ser inerente ao jornalismo, a discussão ganha ainda mais importância. Pois existe um contrato implícito de que o discurso jornalístico fornecerá informações verdadeiras e com credibilidade. Logo, o leitor poderia acreditar e confiar no que lê.

Interessante observar que, nas 15 capas estudadas, o nome “pandemia” aparece apenas três vezes, inicialmente em 15 de abril. A opção da revista foi empregar as

<sup>7</sup> Em reportagem divulgada pela BBC, disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-51363153>. Acesso em: 4 abr. 2020.

<sup>8</sup> Idem.

denominações coronavírus e Covid-19. Na primeira capa sobre o tema, em 5 de fevereiro, a situação ainda era considerada uma epidemia, vocábulo usada por *Veja* na época. O termo pandemia só seria retomado no final de maio e repetido na primeira edição de junho, portanto, quando a palavra já era recorrente no cotidiano da população.

Pensando no uso da linguagem, Permach (2020, n.p.) aborda sobre as metáforas como elemento crucial, fundamentais para descrever a realidade, servindo para: “(re) apresentar qualquer realidade complicada e multidimensional da maneira mais simples possível”<sup>9</sup>. Contudo, alerta para as consequências da escolha daquelas usadas para entender uma crise, porque elas também podem ser simplificadoras de modo negativo. Ele critica a escolha, por parte do governo espanhol, de um marco bélico para explicar a pandemia do coronavírus<sup>10</sup>.

Para o autor, as metáforas bélicas para esse caso têm efeitos negativos, diante do maniqueísmo que manifesta, colocando o foco no vírus, sem levar em conta as condições sanitárias existentes para fazer frente à pandemia. A situação é apresentada como uma guerra que começou com o início dos contágios e acabará quando eles forem superados, esquecendo-se de que o país vive três décadas de políticas neoliberais que, com privatizações e cortes, deixaram a infraestrutura sanitária incapaz de atender às necessidades do cenário atual: “Toda essa realidade que, na atualidade, provoca o colapso dos centros públicos de saúde é negada pelo marco belicista contra o Covid-19”<sup>11</sup> (PERMACH, 2020, n.p.).

No caso específico do governo espanhol que Permach (2020) aponta, tal discurso bélico valeria tanto para justificar a militarização e a ocupação policial das ruas, quanto para ocultar e negar o debate necessário sobre qual tipo de sociedade e de sistema econômico tem-se que construir.

A revista *Veja* também recorre ao universo bélico, porém de modo bem restrito, com apenas uma palavra (combater) e uma expressão (heróis de guerra) em sua cobertura no período analisado, não sendo, portanto, seu foco a proposição desse tipo semântico. Os heróis, no caso, remetem aos profissionais da saúde.

Outra metáfora identificada na Espanha pelo autor foi a médica, empregada por setores empresariais e financeiros, contra a paralisação das atividades, dizendo que

<sup>9</sup> Do original: “(re)presentar cualquier realidad complicada y multidimensional de la manera más sencilla posible”.

<sup>10</sup> Emprego de formas como: “Europa está em guerra contra o coronavírus” ou “estado de alarme” ou “Na guerra ao vírus, jamais nos dobraremos, resistiremos, venceremos”.

<sup>11</sup> Do original: “toda esa realidad que en la actualidad provoca el colapso de los centros públicos de salud es negada por el marco belicista contra el covid-19”.

haveria “coma econômico” ou que as empresas se converteriam em “um cadáver”. Não encontramos algo parecido na cobertura de *Veja*.

Permach (2020) destaca a importância de atentar para tais discursos, para o modo como as marcas linguísticas e as metáforas podem justificar ou ocultar posturas. Ele resgata Fairclough (2000, p. 14)<sup>12</sup>, mostrando-se em sintonia com sua noção de que “a luta em torno de uma nova ordem passa, em parte, por uma luta da linguagem e sobre ela”, entendendo que o material e o simbólico se entrelaçam para conformar a realidade em que se vive e a qual deseja transformar.

Os meios de comunicação de massa, muitas vezes, recorrem a metáforas, como forma de aproximar-se do receptor e buscar identificação. Pode ser uma estratégia de captar para a leitura. Nas revistas, esse recurso é bastante empregado, assim como palavras de efeito, lugares-comuns, ditados populares. Nas capas, geralmente, as frases das chamadas procuram ser simples e impactantes, pois elas são o primeiro contato do leitor com a publicação, seu cartão de visitas. Nossa análise ajudará a clarear qual foi a estratégia verbo-visual de *Veja* em seu discurso nas capas.

Vale atentar para outra questão relativa ao discurso, apontada por Pérez (2020): o vírus cria narrativas. A autora reflete sobre como temos construído relatos a partir de nossa relação com o coronavírus, apontando que múltiplas narrativas têm sido tecidas e entrelaçadas. Ela cita algumas: a) uma teoria da conspiração, relato que coloca o vírus como arma de guerra produzida em laboratório; b) uma gripe comum, proposição que subestima as consequências do coronavírus e que leva as pessoas a não se sentirem em risco, logo, a não adotarem medidas preventivas; c) mortalidade pequena, visão que não leva em conta a porcentagem em relação à população afetada, nem que esse número pode variar conforme vários fatores; d) demonstração de falta de interesse pela pandemia, por não se considerar população de risco, logo, não se sentir afetado ou vulnerável, sem compreender que sua indiferença pode afetar outras pessoas; e) mudança climática x coronavírus, sem conectar os fenômenos, tendo a mudança climática perdido visibilidade midiática; f) discurso científico, que busca entender o coronavírus e seus efeitos, incorporando termos técnicos à linguagem corrente.

---

<sup>12</sup> O linguista britânico Norman Fairclough é um dos pioneiros da análise crítica do discurso. Ele aborda o discurso como elemento chave para transformações sociais. Cf.: FAIRCLOUGH, N. Representaciones del cambio en el discurso neoliberal. *Cuaderno de Relaciones Laborales*, Universidad Complutense de Madrid, v. 16, n. 7, 2000. p. 13-35.

Entre as narrativas apontadas pela autora, identificamos nas capas de *Veja* apenas a do discurso científico, nas propostas discursivas que assinalam a importância da ciência e da pesquisa.

Pérez (2020) lembra que tais narrativas circulam em diversos setores da sociedade, não são homogêneas nem excludentes, entrecruzando-se em diferentes interpretações. Os meios de comunicação são um dos atores responsáveis pela criação e circulação de narrativas na sociedade. E, entre eles, os veículos informativos são aqueles que deveriam trazer a informação correta e confiável, a fim de auxiliar o público a lidar com a pandemia.

Dados mostram que as pessoas ainda buscam informação confiável na grande mídia tradicional no Brasil. Desde o primeiro caso confirmado de coronavírus no país, até 28 de março de 2020, *O Globo* digital atingiu seu pico histórico de audiência, com 235 milhões de acessos e 71 milhões de visitantes. Pesquisa do Datafolha identificou que o jornalismo profissional é visto como um porto seguro nesse momento de crise, estando TVs e jornais na liderança no índice de confiança<sup>13</sup>.

Apesar de *Veja* não estar contemplada nesse levantamento, entendemos que, devido ao seu grande número de leitores, o discurso dessa revista é relevante para a construção dos consensos na sociedade. Além de estar dedicada à cobertura do coronavírus, *Veja* disponibilizou acesso gratuito a um *newsletter* com as principais informações sobre o impacto da pandemia no Brasil e no mundo, o que demonstra seu investimento nessa cobertura e na captação do público. Então, com foco nas capas da revista, qual seria o discurso de *Veja* sobre a realidade que envolve o coronavírus?

Desde a primeira capa, em 5 de fevereiro, *Veja* publicou três capas em março, ainda sem foco total no coronavírus em si e nas suas consequências, mas a aspectos ligados a ele, o que veio, entretanto, a acontecer em abril, quando a revista dedicou cobertura maciça do tema durante todo o mês, com cinco capas. Maio também priorizou o assunto, com três das quatro capas no mês<sup>14</sup>. Ressaltamos que *Veja* é publicada semanalmente, ou seja, nos primeiros três meses da pandemia, a cobertura investiu crescentemente no assunto coronavírus. O foco no tema foi caindo então, com apenas duas capas em junho, uma em julho e nenhuma em agosto, mês em que o país chegou ao assustador patamar de 100 mil mortes registradas.

<sup>13</sup> Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/coronavirus-servico/jornalismo-profissional-ganha-forca-na-pandemia-de-coronavirus-24337628>. Acesso em: 30 abr. 2020.

<sup>14</sup> Uma das capas de maio fugiu ao tema coronavírus devido à saída de Sérgio Moro do Ministério da Justiça e suas acusações contra o presidente Bolsonaro, principal acontecimento da semana.

Vale destacar a relevância dada à cobertura de saúde por *Veja* ao longo dos anos, principalmente a partir da década de 1990, como aponta estudo de Ferraz (2019) que analisou o noticiário sobre doença na revista de 1968 a 2014. No período observado, saúde aparece em quinto lugar na cobertura geral<sup>15</sup>. O autor salienta como a noção de doença, para além de seu caráter biológico, é socialmente construída, conforme os sentidos a ela atribuídos em determinado contexto histórico e cultural.

Em adição ao crescimento do apelo midiático de moléstias infecciosas, a partir de doenças como Aids, dengue e H1N1 e zika, e da elevação de enfermidades crônico-degenerativas na população, aumentou o interesse da mídia na cobertura de saúde, vista como uma área em expansão no jornalismo, de acordo com Ferraz (2019).

Apesar da cobertura crescente de saúde realizada historicamente por *Veja*, agora a revista - assim como outros veículos jornalísticos - depara-se com um cenário completamente novo, de um vírus desconhecido que atinge todo o planeta simultaneamente. Portanto, é relevante observar como está se configurando tal processo noticioso.

### Procedimentos metodológicos

Para estudar o que dizem as imagens, Gervereau (2004) apresenta um caminho em três passos: descrição, contexto e interpretação. Inicialmente, deve-se verificar as características da imagem, tanto seus aspectos icônicos, tangíveis em sua superfície, como dados técnicos, plásticos e temáticos. É uma leitura inicial, uma espécie de inventário dos elementos encontrados. Nesse momento, é relevante observar se alguns desses tópicos seriam emblemáticos, remeteriam a outros discursos, a algum universo de referências partilhadas na sociedade.

Em seguida, observa-se o contexto social e de criação da proposta visual. Essa etapa contempla a verificação do suporte técnico, do momento social e político em que foi divulgada, da inscrição temporal da imagem, da forma de difusão, do impacto, da relação da escolha dessa imagem com o público ao qual se destina, entre outros.

Finalmente, com base no que se percebeu nas fases anteriores, faz-se uma interpretação das observações registradas, tendo tais informações como suporte e

---

<sup>15</sup> Se analisadas três fases separadamente, o estudo indica as seguintes posições: 1968-1983, oitava posição; 1983-1996, sexto lugar; e 1996-2014, terceiro (FERRAZ, 2019), o que mostra o aumento do interesse pelo tema saúde.

retaguarda, mas também considerando a apreciação subjetiva do analista, como engrenagem interpretativa que colabora para esclarecer a leitura e desenvolver o raciocínio analítico.

Como Gervereau (2004) se restringe, nessa abordagem, ao visual, buscamos o aporte de Barthes (1990, 2001), em função de sua proposta de análise das relações entre a mensagem verbal e a visual. As contribuições barthesianas partem, inicialmente, de suas bases semiológicas, quando diz que o objeto da semiologia pode ser qualquer sistema de signos e que todo significado existe perpassado pela linguagem<sup>16</sup>. Desse modo, a pesquisa semiológica buscaria “reconstruir o funcionamento dos diversos sistemas de significação da linguagem, questionar o próprio discurso, interrogar-se sobre o lugar de onde se fala” (BARCELOS, 2016, p.131).

Barthes (2001) destaca a tarefa da semiologia de estudar a operação que faz uma mensagem se impregnar de um sentido difuso, geralmente ideológico, que ele chama de sentido conotado. “Todas essas ‘leituras’ são importantes demais na nossa vida, implicam demasiados valores sociais, morais, ideológicos para que uma reflexão sistemática não tente assumi-las: é essa reflexão que, por enquanto pelo menos, chamamos de *semiologia*” (BARTHES, 2001, p.177-178). Para tornar tal leitura possível, ele parte de um método de análise que focalize os planos de expressão e de conteúdo, situando-se no nível da mensagem, para verificar como é constituído o texto semanticamente do ponto de vista da comunicação.

O caminho proposto é verificar a mensagem denotada nos dois planos, bem como a mensagem conotada, que seria o que há nas entrelinhas, não é explicitamente dito ou mostrado, o que Barthes (2001, p. 201-202) classifica como “a maior quantidade de ‘mundo’ possível”, ou seja experiências de imagens anteriores, sensações, saberes, aquilo a que a humanidade tem acesso por meio da linguagem. No verbal, cabe analisar a substância linguística. Na imagem, é preciso observar o que ela pode conter, quais signos porta, capazes de gerar significados. É fundamental estabelecer as relações entre verbal e visual, bem como suas conexões com outros discursos, de modo a identificar como os signos formam um conjunto coerente e que “exigem um saber geralmente cultural e remetem a significados globais” (BARTHES, 1990, 29-30).

---

<sup>16</sup> Barthes retoma a noção de signo e significação de Saussure (1857-1913).

## Qual pandemia *Veja* apresenta?

Em um olhar direcionado às 15 capas de *Veja*, de 5 de fevereiro a 15 de julho, identificamos manchetes alarmantes, com o emprego de palavras e expressões que chamam atenção e geram impacto, mas que podem causar medo e insegurança, pois passam a ideia de vulnerabilidade. No entanto, os subtítulos, em alguns momentos, aliviam esse ponto de vista, com vocabulário de positividade e esperança.

Também se vê uma crítica à postura do governo federal, especificamente a Jair Bolsonaro, na edição de 22 de abril, com emprego de sarcasmo na manchete “Quem manda sou eu” e a imagem em primeiro plano do presidente. A crítica é retomada na primeira edição de junho, porém sem referência explícita ao governo federal, mas com dados que direcionam a ele, como a máscara com estampa da bandeira brasileira e as expressões na chamada: descontrole da pandemia, arroubos autoritários e caos institucional.

Quando se refere à atuação dos profissionais de saúde e às pesquisas por solução, aparece a valorização dessa categoria e de seu trabalho. No entanto, das 15 capas, apenas quatro se direcionam imagetivamente para o tema da ciência. Ou seja, a intencionalidade em defesa da ciência não se manifesta de modo amplo, nem incisivo, apenas pontual, no discurso verbo-visual.

### Quadro 1. Manchetes das capas no período analisado

Data	Manchete
05/02	<b>O vírus do medo.</b> A propagação do coronavírus se acelera e o número de mortes cresce, provocando pânico em todo o planeta. Mas o mundo está bem preparado para combater uma nova epidemia
04/03	<b>Ele está entre nós.</b> A confirmação da chegada do coronavírus ao Brasil provoca alarme e exige atenção. Mas o sistema de saúde do país está bem preparado para evitar um mal maior
18/03	<b>“Precisamos proteger o Brasil”.</b> Em entrevista, o ministro Paulo Guedes analisa os impactos do coronavírus na economia do país e faz um apelo para que o governo e o Congresso se unam e aprovelem as reformas
25/03	<b>Heróis de guerra.</b> VEJA teve acesso exclusivo à dramática rotina da equipe médica do Hospital Albert Einstein, instituição que confirmou o primeiro caso positivo de Covid19 no Brasil e tem mais de 20 infectados em seus leitos

01/04	<b>A salvação pela ciência.</b> A bilionária corrida dos melhores laboratórios do mundo em busca da vacina e de tratamentos adequados para combater o coronavírus. As experiências bem-sucedidas de outros países para que a vida e a economia voltem o mais rapidamente possível à normalidade
08/04	<b>Até quando?</b> Os brasileiros se indagam em que momento poderão voltar à normalidade. As previsões mais otimistas indicam pelo menos mais um mês de quarentena – desde que todo mundo faça sua parte, agora, e fique em casa
15/04	<b>O vírus da razão.</b> Entre tantos efeitos nefastos, a pandemia de Covid-19 pode deixar pelo menos um legado positivo: o discurso obscurantista do ódio e das <i>fake news</i> começa a perder terreno para decisões baseadas no equilíbrio, no bom senso e na ciência
22/04	<b>Quem manda sou eu.</b> Numa aposta de alto risco, contrariando a ciência no momento em que o número de mortes por coronavírus começa a subir, Jair Bolsonaro demite Luiz Henrique Mandetta e sinaliza um relaxamento da quarentena no combate à Covid-19
29/04	<b>Uma nova esperança.</b> A indústria farmacêutica e pesquisadores de todo o mundo apostam nos bons resultados de um antiviral contra a Covid-19, o remdesivir. Embora os estudos ainda sejam inconclusivos, o composto químico vem superando a cloroquina na corrida por um tratamento eficaz.
13/05	<b>Quarentena em descompasso.</b> Falta de consenso entre as autoridades, pressões econômicas e comportamento de risco de parte da população transformam o isolamento social numa bagunça
20/05	<b>Amarga realidade.</b> Prestes a atingir 15.000 mortos, a Covid-19 começa a provocar cenas de terror nos hospitais públicos de todo o Brasil. Como chegamos até aqui e as soluções para mitigar os números da tragédia
27/05	<b>Ninguém está imune.</b> Embora existam alguns casos e estudos preocupantes, crianças e jovens são, sim, menos propensos a desenvolver Covid-19. Os efeitos do isolamento, no entanto, representam um desafio para os pais e podem afetar o comportamento futuro da “geração pandemia”
03/06	<b>Isolados.</b> Descontrole da pandemia, arroubos autoritários e caos institucional mancham a imagem do Brasil no exterior e colocam o país na contramão do mundo civilizado
17/06	<b>Uma delicada reabertura.</b> Mesmo com altos números de casos e mortes, São Paulo, Rio e outros estados iniciam uma flexibilização da quarentena, aumentando a expectativa de que a vida possa, enfim, começar a se normalizar

15/07	<b>Falta pouco.</b> Cerca de 14000 voluntários brasileiros fazem parte da mais fascinante movimentação científica de nosso tempo – a busca por uma vacina para a Covid-19, que pode ser anunciada ainda em 2020
-------	---

Fonte: elaborado pela autora a partir do acervo *Veja*.

Parece-nos que a revista inicia sua cobertura com um tom mais alarmista, que se torna mais positivo ao longo do tempo, passando de chamadas como “O vírus do medo” e “Ele está entre nós”, capazes de produzir efeitos de sentido de pânico, para “Uma nova esperança”, ao levar como tema central a busca por um antiviral. Todavia, a partir de meados de maio, o tom fica mais preocupante, diante do descontrole na condução da pandemia e do aumento do número de casos e mortes. Em meados de junho, aponta-se a flexibilização, mas com tom de atenção diante da gravidade ainda presente.

Em julho, a revista apresenta apenas uma capa, sobre vacina, como se a solução estivesse próxima. A cobertura, a partir daí, não encontra mais espaço nas capas até o final de agosto, período em que finalizamos a coleta do *corpus*, mesmo com a grande noticiabilidade, na mídia em geral, dos 100 mil mortos registrados no mês. Interessante observar, nesse aspecto, como a escolha da capa independe dos acontecimentos em si e de sua noticiabilidade, tendo relação íntima com opções editoriais e posicionamentos políticos-ideológicos por trás dos meandros da publicação<sup>17</sup>.

Na primeira capa (Fig. 2), a noticiabilidade ainda era global, pois o foco não se encontrava no Brasil, e ainda sem a noção do que esse novo vírus significaria de fato, pois aponta que o mundo estaria preparado para combater a epidemia. Embora o tom tranquilizador, a manchete assinala para algo impactante ao nomear o vírus como “do medo”. Ao unirmos o texto verbal à imagem, que mostra um aglomerado de pessoas com máscaras, a ideia de medo e pânico pode ganhar espaço, pois se trata de um retrato capaz de remeter a uma sensação de aflição. Em janeiro, a China já registrava as primeiras mortes por coronavírus.

Ressaltamos que fazemos um exercício hermenêutico baseado na observação da superfície icônica da capa e do texto verbal e das inter-relações entre eles em dado contexto, considerando as possíveis intenções da instância produtora, ou seja, uma revista relevante nacionalmente, com grande alcance e uma linha editorial que a norteia. Assim,

<sup>17</sup> Não temos intenção aqui de analisar a linha editorial de *Veja* e seus posicionamentos - apesar de tema relevante, não é o foco -, mas cremos ser importante mencionar essa observação que a análise do *corpus* nos apresenta e apontar algumas conexões quando necessário, ao longo do texto.

levantamos possíveis sentidos produzidos a partir do discurso apresentado na capa, os quais podem coincidir ou não com o sentido visado pela revista e com o sentido produzido pelos receptores. Por isso, falamos em sentidos possíveis.

Figura 2. Capas dos dias 5 de fevereiro, 4, 18 e 25 de março



Fonte: acervo *Veja* e [vercapas.com.br](http://vercapas.com.br).

Quando o vírus chega ao Brasil, o tom alarmista cresce com a manchete “Ele está entre nós” (Fig.2), inclusive dizendo que essa confirmação provoca alarme, porém acreditando que o sistema de saúde no Brasil estaria preparado. A imagem mostra o desembarque de passageiros no aeroporto de Guarulhos, indicando que o vírus chegou do exterior, por meio de viajantes. O foco é em uma passageira com máscara, o que acentua o tom de preocupação, principalmente se considerarmos que tal uso não era habitual no Brasil, como em alguns países asiáticos.

A cobertura em março ainda não apresenta uma dimensão tão grave da pandemia, quanto a realidade se mostraria nos meses seguintes no Brasil, porque o centro da atenção ainda se encontra restrito a aspectos pontuais, como a economia e à situação do Hospital Albert Einstein<sup>18</sup>. Apesar da manchete de 18 de março, “Precisamos proteger o Brasil” (Fig. 2), que remete ao vírus, a imagem do ministro da Economia, Paulo Guedes, juntamente com o subtítulo, mostra que a preocupação é com impactos econômicos, além de ressaltar a importância das reformas<sup>19</sup>.

<sup>18</sup> O Hospital Albert Einstein, em São Paulo, registrou o primeiro caso positivo de Covid-19 no Brasil. Em 1º de maio, havia 86 casos da infecção confirmados, sendo 43 em UTIs. Na Grande São Paulo, 85% dos leitos de UTI se encontravam ocupados, com curva crescente de casos de Covid-19. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/monicabergamo/2020/05/numero-de-pacientes-de-covid-19-volta-a-crescer-no-hospital-albert-einstein.shtml>. Acesso em: 4 mai. 2020.

<sup>19</sup>O tema da capa é uma entrevista exclusiva com Guedes.

Podemos dizer que tal capa está em consonância com a postura editorial neoliberal de *Veja*. O posicionamento da revista é investigado por Silva (2005, p. 69) e caracterizado por maior liberdade editorial nos primórdios da publicação, quando precisava afirmar-se jornalisticamente, porém, em sintonia com a ditadura posteriormente e, enfim, afinada com a “abertura ao capital externo e os preceitos do mercado como sendo a própria natureza da história”. Segundo a autora, esses ideais seriam acolhidos pelos governos neoliberais que vieram daí em diante no país<sup>20</sup>. Vale ressaltar que, na época dessa edição de *Veja*, Guedes trabalhava para acelerar reformas administrativa e tributária, bem como privatizações, pautas que encontram aderência na linha editorial da revista.

A capa seguinte se direciona aos profissionais de saúde no Hospital Albert Einstein, objeto de várias reportagens no momento no país, devido à noticiabilidade do registro do primeiro caso positivo de Covid-19. A orientação dessa capa, juntamente com a primeira de abril, vai, portanto, para quem lida diretamente com o vírus, nos hospitais e na pesquisa, conferindo um tom de valorização dessas categorias. O enquadramento da capa “Heróis de guerra” (Fig.2), ao trazer um profissional paramentado atrás de uma janela, remete a alguém armado atrás de uma espécie de grade - do front de batalha? - numa relação semântica bélica. Ao fundo, uma vítima dessa guerra encontra-se deitada. A revista promete revelar uma rotina dramática. O apelo patêmico é forte nesse discurso. A imagem da capa seguinte também tem apelo dramático ao retratar profissionais paramentados, remetendo à cultura visual de filmes de ficção científica que abordam contágios como ameaças mundiais (Fig.3). O tom do texto verbal é positivo, na busca de soluções.

---

<sup>20</sup> Silva (2005, p. 25) aborda o neoliberalismo como um processo baseado na “internacionalização da economia, na financeirização do capital, na desregulamentação dos direitos sociais e no desmantelamento da organização dos trabalhadores”.

Figura 3. Relações intericônicas da capa da *Veja* com filmes sobre vírus que ameaçam a humanidade, como “Epidemia” (1995) e “Contágio” (2011)



Fonte: acervo *Veja*; Warner/Divulgação; cenasdecinema.com.

A evocação de cenas desse tipo ocorre, entre outros fatores, pelo tipo de vestimenta associada ao tema, que pode provocar sensações de reconhecimento do leitor, o qual acessa seu universo de saberes e crenças para formar sua visão sobre as coisas do mundo. Como, geralmente, esses filmes são extremamente dramáticos e trazem cenários catastróficos, essa ideia pode ser um modo de evocar o tema coronavírus. A imagem da capa da revista atenua de alguma forma esse olhar, ao mostrar um ambiente controlado de laboratório e buscar a conotação de salvação em vez de ameaça.

Identificamos que, em abril, a cobertura começa a ser mais incisiva, diante da realidade que o coronavírus apresenta. No final de março, a Europa havia registrado os dias com maior contagem de vítimas, e a quantidade de casos no mundo passava de um milhão no início de abril, número que dobraria nas duas semanas seguintes<sup>21</sup>.

A narrativa de *Veja* não é de pânico, mas adota um tom de busca por vacina e tratamento, pela volta à normalidade, pela defesa do isolamento social e de decisões baseadas no equilíbrio, no bom senso e na ciência, contra discursos de ódio e *fake news*.

A única capa que destoa desse enunciado verbo-visual é aquela com Bolsonaro, do dia 22 de abril, porém o texto verbal deixa claro o posicionamento da revista, contrária às decisões do governo federal, na figura do presidente, uma vez que ele se mostra contra a ciência. A demissão do ministro da Saúde, Luiz Henrique Mandetta, com quem Bolsonaro estava em embate público há mais de um mês, com posições contrárias em relação ao isolamento social e ao uso da cloroquina, reforça o teor da chamada “Quem manda sou

<sup>21</sup> Ver retrospectiva em <https://www.dw.com/pt-br/o-m%C3%AAs-de-abril-em-imagens/g-52987597>.

eu”. Entendemos que a famosa caneta azul Bic<sup>22</sup> entra como elemento de ironia no enunciado, porque remete ao fato de o presidente dizer ter o poder de usá-la para assinar as decisões que desejar, o que casa com a manchete.

Observa-se que a saída do ministro da Justiça e Segurança Pública, Sergio Moro, que renunciou ao cargo no dia 24, embora não tenha ocupado capa desse mês, ganharia destaque na capa de 6 de maio, a qual publicou uma entrevista com ele.

Figura 4. Capas dos dias 1, 8, 15, 22 e 29 de abril



Fonte: acervo *Veja*/www.vercapas.com.br.

Em maio, o tom grave retoma, com drama, às capas de *Veja*, em consonância com a realidade que assola o país, evidenciada pelo crescente e alto número de casos e óbitos, principalmente se comparado aos países que já passaram por essa fase da pandemia. A

<sup>22</sup> Bolsonaro, ao assinar sua posse, recusou-se a usar uma caneta de marca oferecida na ocasião e tirou do bolso uma caneta “estilo Bic”, numa estratégia sua já conhecida de parecer um homem simples, sem frescuras, popular, e aproximar-se de seu eleitorado. Ao saber que a marca era francesa, trocou-a por outra marca na época que teve um enfrentamento com o presidente da França, Emmanuel Macron. Em diversas ocasiões, Bolsonaro se manifestou sobre seu poder de assinar decisões com a sua “caneta Bic”.

metáfora do país na cova, no dia 20, traz forte apelo patêmico, podendo causar impacto. As três manchetes adotam tom negativo.

Um dos acontecimentos de enorme repercussão em outros veículos não aparece, nem mesmo em chamadas menores: a liberação, pelo ministro de STF, Celso de Mello, do vídeo da reunião ministerial de 22 de abril. Também foi nessa época que o então ministro da Saúde, Nelson Teich, deixa o cargo, menos de um mês após assumi-lo. Outro fato que teve alcance mundial no período - mas não nas capas de *Veja* - foi a morte de George Floyd, asfixiado por um policial nos Estados Unidos, em 25 de maio, ocorrência que desencadeou protestos em vários países, inclusive no Brasil, com o mote de “vidas negras importam” (*#BlackLivesMatter*), os quais continuaram em junho<sup>23</sup>. Portanto, para *Veja*, a noticiabilidade permaneceu na pandemia, abrindo exceção apenas para a entrevista com Moro.

Figura 5. Capas dos dias 13, 20 e 27 de maio



Fonte: acervo *Veja* e [vercapas.com.br](http://vercapas.com.br).

Em junho, o tom de crítica na condução da pandemia pelo governo permanece, situando o Brasil “na contramão do mundo civilizado”, o que carrega forte conotação simbólica. Também existe tom de crítica e alerta ao abordar a flexibilização como “delicada”. No entanto, o número de capas diminui, com apenas duas sobre coronavírus, culminando, em julho, com apenas uma sobre a esperança de se encontrar uma vacina<sup>24</sup>.

<sup>23</sup> Os fatos nacionais e internacionais citados neste texto, podem ser verificados, em retrospectiva, mês a mês, em: <https://www.politize.com.br/category/retrospectivas-politize/>.

<sup>24</sup> Apesar de o nosso *corpus* se referir ao primeiro semestre apenas, vale mencionar que o tema coronavírus, até o fechamento deste artigo, só voltou a ocupar a capa de *Veja* nas edições de 16 e 23 de setembro e, depois, em 18 de outubro, com foco na perda de força da pandemia, na retomada das escolas e na vacina, respectivamente.

Compreende-se que, em junho, duas capas tenham se voltado a outro tema, diante de sua relevância e noticiabilidade nacional: a prisão de Fabrício Queiroz, policial militar aposentado e ex-assessor do senador Flávio Bolsonaro. Queiroz é apontado como operador do esquema das rachadinhas<sup>25</sup> no gabinete do filho do presidente na Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro. O assunto continuou repercutindo na capa seguinte, centrada no advogado Frederick Wassef, em cuja casa Queiroz estava.

Figura 6. Capas de 3 e 17 de junho e 15 de julho



Fonte: acervo *Veja* e [vercapas.com.br](http://vercapas.com.br).

Enfim, esses são alguns dos sentidos possíveis de serem produzidos pelo discurso verbo-visual das capas da revista *Veja* sobre a pandemia do coronavírus. Essa análise nos traz possibilidades de refletir sobre o papel de uma publicação de grande alcance entre as classes A e C do país, as quais poderão construir sua visão sobre o tema, em parte, a partir do que a revista lhes apresentar.

### Considerações

Ao escolhermos analisar as capas da revista de maior circulação no Brasil, levamos em conta que a presença do assunto neste espaço da publicação poderia ser compreendida como um indicador de relevância da pauta. Além disso, como discurso produtor de sentidos, a informação verbo-visual da capa seria capaz de direcionar a leitura do tema a partir das estratégias de linguagem adotadas.

<sup>25</sup> Rachadinha "É uma divisão de proventos, de alguma vantagem financeira, por deliberação de um agente público", afirma Vera Chemim, constitucionalista e mestre em direito público administrativo pela FGV". Fonte: BBC (<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-50842595>).

A visão sobre a pandemia que *Veja* é capaz de construir revela muito de suas intencionalidades discursivas e nos leva a refletir sobre o papel dos meios de comunicação informativos na abordagem dos acontecimentos, principalmente um de relevância mundial, como é o caso desse vírus e suas consequências.

Um dos fatores que nos chama atenção na análise é um aparente esforço em não causar pânico, apesar do emprego de palavras e imagens que podem impactar ou assustar. Assim, parece-nos haver um emprego de recursos patêmicos, que pode atuar como instrumento de captação do público, mas também de uma ação no sentido de informar e acalmar ânimos. É dar a gravidade do tema, sem causar desespero, mas também sem deixar de impactar. Também identificamos uma intencionalidade discursiva de defesa da razão e da ciência, porém de modo pontual. Outro aspecto observado é o posicionamento contrário às atitudes de Jair Bolsonaro no que se refere às atitudes do presidente no enfrentamento da pandemia.

Percebemos o emprego de vocabulário ligado aos seguintes campos semânticos: com maior número, palavras e expressões ligadas a medo e pânico (morte, alarme, mal maior, proteger, impactos, infectados, tragédia, isolados, descontrole, caos, está entre nós, dramática rotina, até quando?, efeitos nefastos, alto risco, amarga realidade, cenas de terror, ninguém está imune); em segundo lugar, numericamente, vocabulário associado à positividade (bem preparado, experiências bem-sucedidas, legado positivo, decisões baseadas no equilíbrio, no bom senso e na ciência, nova esperança, bons resultados, tratamento eficaz, começar a normalizar), e, em seguida, à ciência (salvação pela ciência, razão, decisões baseadas na ciência, contrariando a ciência, pesquisadores de todo mundo, mais fascinante movimentação científica de nosso tempo).

Com esse tom, que quer informar e captar ao mesmo tempo, que critica a condução da pandemia pelo governo e que defende a razão, a ciência e o bom senso, as capas de *Veja* traçam uma espécie de linha de tempo da presença do coronavírus no Brasil. A história começa com a ideia de que estamos preparados para enfrentar o vírus, com previsões otimistas até meados abril; passa a se preocupar porque a realidade não é bem essa; surge o alarme, pois a situação piora, principalmente com o caos governamental e o comportamento de risco da população; sobe o tom da preocupação nas duas últimas edições de maio e na primeira de junho; e chega-se ao fim do enredo em meados de julho, com a busca por vacina.

Apesar de o nosso *corpus* incluir apenas o primeiro semestre, vale a pena mencionar que nos causa curiosidade um tema de enorme relevância em agosto, em relação ao

coronavírus no Brasil, não ter sido destaque em capa: o marco de 100 mil mortos. Não houve capas sobre a pandemia nesse mês. Embora essas observações ultrapassem o recorte da análise, verificamos quais os assuntos abordados em agosto, diante da inquietação por não haver mais foco na saúde: crise econômica e reforma tributária; cancelamento de personalidades nas redes sociais; desmatamento da Amazônia; briga de China e EUA pela hegemonia mundial; e gastos do governo federal.

Fica a questão: qual a lógica de noticiabilidade de *Veja*? Até o final da edição deste artigo, verificamos que o coronavírus seria retomado apenas na edição de 16 de setembro, mantendo o tom otimista que fechou o semestre, de que haveria sinais de alívio na pandemia<sup>26</sup>. Perguntamo-nos sobre a responsabilidade de uma publicação com tamanho alcance nacional, ao reduzir a cobertura do tema, bem como o tom de gravidade do contexto atual, uma vez que seus leitores podem usar esse ponto de vista como referência para tomada de decisões cotidianas. Afinal, o material e o simbólico se entrecruzam na construção da realidade.

Atentamos para o fato de que o vírus continua em circulação, as pessoas ainda se contaminam e morrem no mundo todo e já se fala em segunda onda da Covid-19 na Europa<sup>27</sup>, onde os casos voltaram a crescer. Como continuará a cobertura da revista, que parece ter dado uma “amenizada” na gravidade do assunto e reduzido as capas sobre ele? Tais questionamentos podem conduzir à continuidade dessas análises.

Diante dessa problematização, é preciso pensar sobre qual a relevância da cobertura de assuntos de saúde pública pela mídia e como ela é realizada, a partir de qual produção de sentidos. Sobre a cobertura jornalística de temas de interesse desse campo, Langbecker *et al.* (2019) analisaram 64 trabalhos científicos de análise de notícias sobre saúde das populações, de 2000 a 2015. Os autores identificaram que a maioria da cobertura é sobre enfermidades, principalmente infecciosas. O tema mais investigado foi a cobertura da epidemia da H1N1, a qual se centrou no pânico, no risco e no medo

---

<sup>26</sup> A capa de 16 de setembro fala em alívio; a de 23 de setembro problematiza a volta às aulas, sendo favorável a ela; e a de 28 de outubro adota tom positivo sobre a chegada próxima da vacina. Tais dados foram obtidos após o envio do artigo, sendo inseridos apenas na revisão final, após os pareceres dos avaliadores. Por isso, não constam na análise.

<sup>27</sup> Apesar de os países europeus em bloco terem registrado, na segunda semana de setembro, 41 mil novos casos diários, 12% mais do que na pior semana de abril, o epidemiologista e ex-diretor executivo do Grupo de Doenças Transmissíveis da Organização Mundial da Saúde (OMS), David Heymann, defende que não se trata de uma segunda onda, mas de surtos isolados, considerando a menor extensão e potencial da doença agora. Fonte: *Veja* (<https://veja.abril.com.br/mundo/covid-19-na-europa-nao-e-a-segunda-onda/>).

relacionados à doença. Em *Veja*, podemos identificar também esse tipo de enquadramento referente ao coronavírus.

Em relação a H1N1 e dengue terem sido constantemente prioritárias na agenda midiática latino-americana, eles apontam que:

Alguns fatores que (...) põem a gripe H1N1 e a dengue no ciclo informativo são, entre outros, orientados: pelo fato de a velocidade e a expansão de casos se adequarem ao requisito jornalístico de veicular informação atualizada diariamente; e as duas enfermidades extrapolarem as divisões sociais e geográficas de outras doenças ao se transmitirem com alta efetividade entre diferentes grupos. Como não se concentram somente em populações de baixo recurso, como ocorrem com outras doenças, instalam-se onde moram e trabalham os próprios meios de comunicação e suas audiências, contando, assim, com maior valor jornalístico. (LANGBECKER *et al.*, 2019, n.p.).

Podemos compreender *Veja* dentro desse espectro de interesse em relação ao novo coronavírus, considerando a velocidade e a expansão do contágio, assim como o fato de o vírus atingir o público alvo da revista. No entanto, fica o questionamento em relação à diminuição da cobertura no final do semestre e a ausência de capas em agosto.

Numa breve observação das capas posteriores ao recorte do nosso *corpus*, percebe-se um movimento de *Veja* para temas consoantes com sua linha editorial neoliberal - característica levantada por Silva (2005) -, como defesa das reformas tributária e administrativa, gastos públicos e movimentos do governo federal nos âmbitos econômico e político, agora apresentado de forma mais moderada e menos crítica.

Langbecker *et al.* (2019) apontam que é preciso ampliar a diversidade das análises acadêmicas e as abordagens teórico-metodológicas na pesquisa sobre a cobertura de saúde pelos meios de comunicação. Esperamos que este trabalho possa ser um passo no sentido de colaborar para a expansão do debate. Que a análise das capas do primeiro semestre de 2020 possa oferecer subsídios para outros estudos e para a continuidade da investigação de como *Veja*, assim como outros veículos, apresenta a pandemia, que parece longe ainda de uma solução e que trará enormes repercussões sociais, políticas, econômicas e culturais a longo prazo para o mundo todo.

## Referências

BARCELOS, J. D. **Imagem e produção de sentido sobre favelas cariocas em fotos jornalísticas**. 2016. 341 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

BARTHES, R. **A aventura semiológica**. São Paulo: Martins Fortes, 2001.

BARTHES, R. A escritura do visível. In: **O óbvio e o obtuso**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990. p. 10-43.

FERRAZ, L. M. R. A doença no Jornalismo: análise do noticiário de capa da revista *Veja* (1968-2014). **Intexto**, Porto Alegre, UFRGS, n. 45, p. 76-98, maio/ago. 2019. Disponível em: <<https://www.seer.ufrgs.br/intexto/article/view/81193/51913>>. Acesso em: 25 out. 2020.

GERVEREAU, L. **Voir, comprendre, analyser les images**. Paris: Éditions La Découverte, 2004.

LANGBECKER, A.; CASTELLANOS, M. E. P.; NEVES, R. F.; CATALAN-MATAMOROS, D. A cobertura jornalística sobre temas de interesse para a Saúde Coletiva brasileira: uma revisão de literatura. **Interface**, Botucatu-SP, Unesp, v. 23, n.p., abr. 2019. Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-32832019000100300&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832019000100300&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt)>. Acesso em: 21 ago. 2020.

PERMACH, J. Discursos bélicos o narrativas emancipadoras. **El Salto**, Tribuna, 1 abr. 2020, Madri. Disponível em: <<https://www.elsaltodiario.com/tribuna/discursos-belicos-narrativas-emancipadoras-joseba-permach>>. Acesso em: 4 abr. 2020.

PÉREZ, E. G. R. **Coronavirus: conexiones ocultas, narrativas entretejidas**. Observatorio de Ecología Política de Venezuela. Publicado, 2020. Disponível em: <<https://www.ecopoliticavenezuela.org/2020/03/26/coronavirus-conexiones-ocultas-narrativas-entretejidas/>>. Acesso em: 4 abr. 2020.

SILVA, C. L. S. **VEJA: o indispensável partido neoliberal (1989-2002)**. 2005. 658 f. Tese (Doutorado em História Moderna e Contemporânea) - Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense/Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Niterói, 2005.

### Como citar este artigo

BARCELOS, Janaina Dias. Entre o medo, a guerra e a esperança: a cobertura da pandemia do novo coronavírus pela revista Veja. **Revista Dispositiva**. [on-line] Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/dispositiva>> Dossiê: Comunicação, política e saúde. Editoras Responsáveis: Fernanda Sanglard e Vanessa Veiga de Oliveira. Volume 9, Número 16, Belo Horizonte, dezembro de 2020, p. 124-146. Acesso em “dia/mês/ano”.

**Texto recebido em:** 23/08/2020

**Texto aprovado em:** 04/11/2020